

Em casa de bom ferreiro, o espeto é sempre de ferro

Roberto Rodrigues, professor emérito da FGV

Antonio Carlos Kfoury Aidar, assessor da Presidência da FGV e secretário executivo do FGV AGRO

Felippe Serigati, pesquisador do FGV AGRO

Uma das maiores virtudes da Fundação Getúlio Vargas é a liberdade de expressão. Por isso, todas as publicações de seus professores e pesquisadores refletem a opinião de quem as escreveu. Essas opiniões podem ter os mais diversos matizes, sempre respeitando a ética e o bom tom.

Na FGV, a unidade encarregada de acompanhar as notícias e fatos do agronegócio é o FGV AGRO.

Recentemente, a Carta do IBRE na *Conjuntura Econômica* (*Carta do IBRE* de março, link: <https://go.fgv.br/Q0CqQ7SIHqE>) mencionou uma suposta substituição de culturas de alimentos por culturas de exportação no Brasil. Isso não significa que faltaram alimentos para a população brasileira. O crescimento da produção ocorreu tanto para o mercado interno quanto para exportação graças ao extraordinário crescimento da produtividade.

Portanto, não corresponde à realidade que a inserção do agronegócio às cadeias globais de valor se deu em prejuízo ao abastecimento do mercado doméstico. Claramente, para a larga maioria dos produtos alimentícios, a expansão da produção superou o crescimento populacional, ou seja, o consumo *per capita* aumentou. Aliás, segundo estudos da Embrapa, há 50 anos uma cesta básica custava o dobro do que custa hoje. Isto foi possível graças aos aumentos da produção e da produtividade agrícola, de forma que as famílias podem gastar

Produto	Variável	Varição entre 2000/2001 e 2024/2025*
Grãos e cereais	Área	-50,3%
	Produtividade	109,5%
	Produção	4,3%
	Área	-32,8%
	Produtividade	62,6%
	Produção	9,0%
	Área	67,4%
	Produtividade	77,3%
	Produção	196,2%
	Área	182,9%
	Produtividade	25,8%
	Produção	255,6%
Proteínas **	Área	53,0%
	Produtividade	40,5%
	Produção	109,9%
	Exportação	346,0%
	Produção	60,5%
	Exportação	284,3%
	Produção	119,3%
	Exportação	287,3%
	Produção	95,4%
	Exportação	264,4%
	Produção	141,4%
	Leite industrializado	83,6%
População total ***		19,6%

Fontes: IBGE, Conab, Comex Sat.

*Projeções Conab. **Variação entre 2001 e 2005 (projeções Conab). ***Censos de 2000 e de 2022.

em outros bens, já que a queda nos preços reais dos alimentos ao longo das últimas décadas possibilitou a elevação do salário real.

As gerações mais novas talvez estranhem um fato sobre a economia brasileira: até os anos 1970, o Brasil era um importador líquido de alimentos. Em números, importávamos cerca de 30% do que era consumido domesticamente. Atualmente, além de garantir abastecimento interno, o

Brasil gera excedentes que têm como destino mais de 190 países.

De lá para cá, a produção agropecuária cresceu fortemente (373,5% de acordo com o Valor Bruto Real da Produção Agropecuária, do Mapa) devido principalmente a ganhos de produtividade. Aliás, esse expressivo avanço da produtividade média não se deu concentrado em um único produto, mas em uma gama ampla de produtos, inclusive naqueles mais

associados à cesta básica. Por exemplo, de acordo com a Conab, enquanto, no início dos anos 1980, nas lavouras brasileiras colhia-se 415 kg/ha de feijão, nas últimas três safras (ou seja, até a safra atual) projeta-se uma produtividade de 1.140 kg/ha (um aumento de 174,2%). Algo ainda mais surpreendente aconteceu com o arroz; enquanto na mesma época produzia-se 1.440 kg/ha, novamente de acordo com a Conab, nas últimas três safras houve um rendimento médio de 6.810 kg/ha (uma expansão de 371,2%).

Essa expansão não está restrita ao universo dos grãos. Ainda de acordo com a Conab, a disponibilidade *per capita* de carne de frango entre 1997 e 2025 avançou de 23,9 kg/hab./ano para 50,2 kg/hab./ano, respectivamente. Para a carne suína, um avanço ainda mais expressivo; no mesmo período, a disponibilidade interna *per capita* saltou de 9,1 kg/hab./ano para 20,1 kg/hab./ano. Por fim, algo ainda mais formidável aconteceu com os ovos. Em 1997, a disponibilidade interna *per capita* era de 92,0 unidades/hab./ano e passou para 232,5 unidades/hab./ano em 2025. Ainda assim, é fundamental destacar que a maior oferta desses produtos não se deu em detrimento das exportações. Na realidade, de acordo com o Comex Stat, no mesmo período, o crescimento dos embarques para o setor externo atingiu impressionantes três ou quatro dígitos: carne de frango (715%), carne suína (1.534%) e ovos (1.088%).

Um questionamento encontrado com muita frequência é que, desde o período de acelerada expansão da produção brasileira, o universo agro passou a priorizar o setor externo em detrimento ao mercado interno. Essa

percepção não se sustenta ao observar os números. Não se pode concluir nada sobre a produção olhando apenas as variações de área plantada. É fundamental levar em consideração a extraordinária evolução da produtividade de cada cultura. De fato, a inserção do agronegócio brasileiro às cadeias globais foi um fator muito importante para explicar a incorporação de tecnologia e os ganhos de escala. Sem esses dois fatores, claramente, os alimentos no país estariam sendo transacionados a preços mais elevados. Em outras palavras, a demanda externa teve um papel importante para conferir rentabilidade ao aumento da produção do setor. No entanto, o dinamismo trazido pelo setor externo, com o respectivo ganho de produtividade, aumentou a produção de forma generalizada, independentemente se o destino final do produto era o mercado interno ou o setor externo. Enfim, ao ampliar a escala de produção, e a incorporação de tecnologia viabilizados para inserção ao comércio internacional, o custo unitário ficou menor do que seria se não houvesse a demanda do setor externo, gerando “externalidades” positivas também para o mercado interno.

Além dessa contribuição pelo lado da oferta, as exportações do setor também permitiram a entrada de dólares e a respectiva redução da volatilidade externa, bem como uma expressiva geração de renda e de postos de trabalho ao dinamizar as economias de diversas regiões do país. Apenas para ilustrar, enquanto em 2002 o Mato Grosso era o 11º maior PIB *per capita* entre as unidades da Federação, em 2022, esse estado passou a ser o quarto maior. Essa mudança não é exclusividade do Mato Grosso, mas vale para o Mato Grosso do Sul (que sai de oitavo e vai para

sexto) ou para Tocantins (de 21º para 13º). Enfim, o universo agro também fez a renda crescer nas regiões em que ele tem uma maior participação. Na geração de renda observada no período, também houve mudanças nos hábitos e preferências alimentares, reduzindo a demanda por arroz e feijão, embora ainda estejam fortemente presentes na mesa dos brasileiros.

A inflação de alimentos é um fenômeno que causa claros e compreensíveis desconfortos nos domicílios, mas sua origem não é um “descaso” do setor agropecuário com os consumidores domésticos – aliás, os próprios produtores fazem parte desse grupo e têm o seu poder de compra corroído pela inflação. Ainda assim, é possível apontar como possíveis origens da atual alta dos preços dos alimentos (i) quebras de safra decorrentes de choques climáticos adversos, (ii) maior demanda global por produtos agropecuários, (iii) alta do dólar. Além disso, para diversas *commodities* (como soja, milho, trigo, café, açúcar etc.), o seu preço doméstico é influenciado diretamente pela sua respectiva cotação no mercado internacional, custos de frete e comercialização, bem como pela variação cambial.

Por fim, com frequência é comentado que as safras cada vez maiores de soja e milho estão dissociadas da produção de alimentos. Além dos efeitos multiplicadores das exportações desses produtos sobre a economia, sem a quantidade ofertada dessas matérias-primas para a ração animal, a produção de proteína não teria avançado na intensidade observada no atual século.

O debate sobre as questões do *agribusiness* é fundamental para que o país possa entender o que hoje é o seu mais importante negócio! ■